

A CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS E DESENHOS ANIMADOS: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA LOCALIZADA NA COMUNIDADE DO ANINGA EM PARINTINS- AM¹

Gyane Karol Santana Leal; Evelyn Lauria Noronha

Universidade do Estado do Amazonas-UEA, gyanekarol26@hotmail.com, evelynlaurianoronha@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo compreender como as crianças de uma escola localizada em uma comunidade rural do município de Parintins – AM relacionavam-se com a ciência por meio de vídeos e desenhos animados. Acreditamos que as crianças, independente do contexto em que estão inseridas, podem formar conhecimentos científicos por meio de suas experiências e esses conhecimentos podem ser utilizados pela escola de maneira significativa. Em pesquisa com crianças faz-se necessário o uso de metodologias que fazem das crianças partícipes de todo o processo de investigação. Para tanto, foi necessário solicitar a autorização dos pais e posteriormente, a colaboração das crianças. Os sujeitos foram treze crianças na faixa etária de 3 a 5 anos e a professora da turma os quais foram identificados com nomes fictícios escolhidos por eles próprios. Os dados foram sendo construídos através da interação com os sujeitos, observação participante com registro no diário de campo, exibição de vídeos e desenhos animados e análise de desenhos. Concluímos que as crianças formam conhecimentos científicos por meio de suas vivências, de seus desenhos e no contato com a escola e a comunidade.

Palavras-chave: crianças, ciência, vídeo, desenhos animados.

INTRODUÇÃO

A observação e a intuição das crianças contribuem para que possam estabelecer uma interação com a ciência. A escola pode aproveitar os conhecimentos trazidos pelos estudantes de suas relações do dia-a-dia, faz-se necessário que o ensino utilize os conhecimentos prévios que o aluno traz consigo e a fim de aproximá-los dos conhecimentos científicos (POZO e CRESPO, 2009).

Este trabalho tem por objetivo compreender como as crianças de uma escola localizada em uma comunidade rural do município de Parintins – AM se relacionavam com a ciência por meio de vídeos e desenhos animados. Nessa pesquisa com crianças de uma comunidade rural queremos enfatizar que precisam ser respeitadas e valorizadas em todos os seus aspectos nos mais diferentes

¹ Este artigo é parte dos resultados obtidos na pesquisa de Mestrado intitulada: “O ensino de ciências e suas relações entre a escola e os espaços não formais: um estudo com crianças ribeirinhas” do Programa de Pós Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

contextos sociais. Para isso, é necessário que elas sintam-se aceitas pelas pessoas que estão próximas a elas.

Valorizar a infância relacionando-a com a produção de conhecimentos científicos partindo de que a concepção da ciência é um processo de construção e que não existe verdade absoluta no que tange ao conhecimento científico. As crianças são vistas como sujeitos de direitos e capazes de formar conhecimentos científicos oriundos da relação da escola com os espaços não formais. Os saberes oriundos de vivências nestes espaços e das interações sociais necessitam ser relacionadas aos conhecimentos de ciências.

As crianças e a ciência

Definir um conceito de infância constitui-se uma tarefa bastante complexa, pois as concepções que circulam são alvos de diferentes enfoques teóricos- metodológicos que as concebem das mais variadas maneiras. Partimos, inicialmente, da etimologia da palavra infância, defendida por Lajolo (2011, p.229):

As palavras: infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado a ideia de ausência da fala. Esta noção de infância como qualidade ou estado do infante, isto é, d'aquela que não fala, constrói a partir dos prefixos e radicais linguísticos que compõe a palavra *in*: prefixo que indica negação; *fante*: princípio presente no verbo latino *fari* que significa falar, dizer. (*grifos nosso*).

Em razão disso, no cerne da concepção, a criança, por muito tempo ficou sendo aquela que não falava, não pensava, não produzia, logo, não era digna de muita atenção. Sob essa orientação se alicerçaram várias teorias a respeito da criança. A partir desse sentido etimológico, podemos destacar duas formas principais de se compreender a infância.

Sarmiento (2007) diz que todas as reflexões levantadas a respeito da construção histórica das crianças, nas relações estabelecidas com os adultos e nas visões destes acerca da infância, nas imagens socialmente construídas, permitiram que a infância na contemporaneidade recebesse uma atenção diferenciada, levando em considerações as peculiaridades das crianças em seus diferentes contextos, onde sua voz seja ouvida e sua imagem desvelada.

Dependendo do enfoque, a infância pode receber várias concepções que variam de acordo com as culturas, gênero, etnias e concepções teórico-filosóficas. Porém, a ideia da criança como infante

‘aquele que não fala’, da criança invisível, não merecedora de tanta atenção, incapaz e incompleta, sendo apenas uma perspectiva futurística ainda é presente na atualidade.

Existe a necessidade de valorizar a criança, principalmente, a criança da região Amazônica formada em grande parte por indígenas e ribeirinhas que se concentram na maioria das vezes em comunidades ou áreas rurais. Os ribeirinhos possuem características tradicionais dos povos que moram próximos aos rios amazônicos. Dentre suas principais atividades econômicas podemos citar: o extrativismo vegetal, a pesca artesanal, criações de animais de pequeno e médio porte e o cultivo de pequenas lavouras [conhecidos como roçados] para a própria subsistência, algumas vezes, também comercializam servindo como fonte de renda familiar. Segundo Silva, Pasuch e Silva (2012, p. 63):

Os povos ribeirinhos possuem uma forma de organização social aonde o principal meio de transporte é fluvial. A relação entre eles e os rios não se restringe à utilização como meios de locomoção. Fazem parte dessa rotina também o cultivo contínuo da várzea no período da seca, a pesca e os banhos de rio.

Os povos ribeirinhos cercados pela Floresta Amazônica possuem características e histórias próprias. Estes povos são sujeitos com personalidade forte, são capazes de superar as adversidades presentes no cotidiano amazônico, dentre os quais podemos citar os fenômenos naturais, que compreende o período de seca e a cheia dos rios.

Respeitar a infância nos mais variados contextos sociais constitui-se um desafio. Precisamos destinar às crianças um novo olhar, compreender que são sujeitos sociais que constroem história apesar sua história e valorização não ter visibilidade pelos adultos durante a evolução do homem nas sociedades. Diante disso, é preciso refletir acerca das crianças não apenas como alvo dos desejos e intervenção dos adultos, mas com alguém que é capaz de falar sobre o que pensa acerca do mundo que a rodeia.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos (SANDÍN ESTEBAN, 2010). O enfoque qualitativo nos permitiu penetrar nos fenômenos da pesquisa, fornecendo uma compreensão e diálogo com a realidade, valorizando e respeitando os sujeitos, os contextos, as instituições educativas e sociais presentes no campo de investigação a fim de que

podéssemos construir conhecimentos e contribuir positivamente com os sujeitos sociais no âmbito da pesquisa. A respeito da pesquisa qualitativa Chizzotti (2006, p. 79) diz que:

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre os sujeitos e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados [...]; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta fenômenos atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A temática foi abordada nesta perspectiva por se tratar de fenômenos educativos e sociais em um determinado contexto social. A pesquisa qualitativa prima pela interação entre sujeito, objeto estudado e perspectivas do investigador, o qual elabora seu discurso em decorrência dos pressupostos teóricos que o norteiam. Assim, tende-se a valorizar todo o processo de investigação, não apenas o resultado, mas considera as emoções, os sentimentos, as culturas e valores presentes nos sujeitos integrantes do ambiente da pesquisa e busca se aprofundar no tema proposto com subjetividade e juízo de valor, neste caso, a respeito das crianças da zona rural.

O método de pesquisa foi do tipo etnográfico, visto que é o mais adequado para se trabalhar com crianças. Pesquisar a respeito de crianças é um desafio no século XXI, pois é campo novo, complexo e aberto para muitas discussões. Partindo-se do pressuposto que “as crianças não produzem culturas num vazio social, [...] os jogos sociodramáticos, as brincadeiras e as interpretações da realidade são também produtos da sua interação com adultos e crianças” (DELGADO; MULLER, 2005, p. 164) para pesquisar crianças, faz-se necessária a utilização de uma metodologia diferenciada.

Graue e Walsh (2003) nos dizem que nas investigações com crianças existe a necessidade de considerar, primeiramente, o contexto em que elas estão inseridas. O pesquisador deve considerar dimensões como proximidade que lhes permitirá uma interação com as crianças por um período prolongado de tempo, a descrição das observações obtidas no contexto de estudo e sua teorização/avaliação.

Diante disso, existe a necessidade de utilizar o princípio da alteridade, o que significa ouvir e respeitar as vozes das crianças. Além de compreender a crianças na sua singularidade, o adulto precisa ter a humildade de reconhecer no outro, um ser diferente dele. Assim, na interação com as culturas infantis o respeito é fator essencial para se construir uma relação entre adultos e crianças.

Aonde ambos têm formas distintas de ver o mundo.

Os sujeitos foram treze crianças na faixa etária de 3 a 5 anos e a professora da turma que por questões éticas seus nomes são fictícios. Os dados foram sendo construídos através da interação com os sujeitos, observação participante com registro no diário de campo, exibição de vídeos e desenhos animados com a temática da ciência e análise de desenhos.

Essa pesquisa permitiu o contato direto com a vida cotidiana das crianças da comunidade do Aninga, evidenciando-se culturas, crenças, valores e podendo perceber suas concepções da ciência a partir de desenhos. Além disso, fez-se necessária a adoção de uma postura ética pelo pesquisador frente ao trabalho desenvolvido no âmbito do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de saber acerca dos conhecimentos das crianças a respeito do nosso mundo físico e saber quais as suas noções acerca do movimento da Terra e do nosso Sistema Solar exibimos um pequeno vídeo intitulado: “De onde vem o dia e a noite?”. Exibido pela TV Cultura, o vídeo mostra a história de uma menina chamada Kika, que deseja saber a respeito de alguns fenômenos existentes no mundo natural e pergunta a sua mãe, porém, esta não sabe responder, então a menina dorme e sonha com o sol lhe ensinando sobre os movimentos da terra. Conversamos com as crianças sobre os movimentos da Terra e como acontece o “dia” e a “noite”. Utilizando um o globo terrestre, explicamos como ocorre o circuito do nosso sistema, como a Terra se movimenta e gira em torno de seu próprio eixo e em torno do sol (FIGURA 01).



Figura 01 - Dramatização dos movimentos da Terra.

Ao realizarem a encenação dos movimentos do planeta Terra em torno do Sol as crianças

demonstraram entusiasmo. O outro vídeo exibido foi o desenho animado do “Pequeno Príncipe” de Saint Exupéry. O desenho foi inspirado em um livro, um clássico da literatura universal, que narra a história de um menino chamado “Pequeno Príncipe” que morava em um pequeno planeta chamado B612, gozava uma vida tranquila cuidando de seus três vulcões, até nascer em seu pequeno planeta uma rosa-menina que muda completamente sua vida (FIGURA 02).



Figura 02 - Exibição do desenho animado “O Pequeno Príncipe”.

Após assistirem perguntamos às crianças acerca do desenho animado que haviam assistido. Elas foram relatando toda a história, como o Pequeno Príncipe vivia em seu planeta, o que possuía e como saiu para conhecer outros lugares no universo. As crianças ficaram a vontade durante a exibição do desenho animado e o assistiram atentamente até o final.

Durante a atividade de exibição de vídeo e desenho animado notamos a participação, atenção e o entusiasmo das crianças. Numa demonstração de que os recursos áudio visuais são bem atrativos. Por meio de um livro ilustrado contamos a história do “Pequeno Príncipe” para enfatizar o desenho assistido. Algumas crianças manusearam e recontaram a história com autonomia e desenvoltura.



Figura 03 – Crianças manuseando o livro do “Pequeno Príncipe”.

Mesmo não dominando os processos de leitura convencional, demonstravam por meio de seus relatos orais sua compreensão dos textos compartilhados no ambiente da sala de aula. Nas mais diversas situações vivenciadas com as crianças no campo de pesquisa constatamos participação ativa delas. Num outro momento as crianças fizeram desenhos para ilustrar a história. Júpiter (Figura 04), fez sua representação assim.



Figura 04 - Ilustração da história do Pequeno Príncipe (Júpiter, 5 anos)

A criança desenhou o pequeno príncipe à direita com roupa verde, cabelo louro, andando no seu planeta e a rosa (verde). À esquerda fez o céu azul e as estrelas, demonstrou sua interpretação gráfica da historinha. A ilustração de Saturno (Figura 05).



Figura 05 - Ilustração da história do Pequeno Príncipe

(Saturno, 5 anos)

Essa criança representou o universo, o sol, o planeta do Pequeno Príncipe. O desenho do Urano (FIGURA 06) reflete sua compreensão acerca do desenho.



Figura 06 – Ilustração da história do Pequeno Príncipe (Urano, 5 anos).

Ao terminarem seus desenhos demos oportunidade para que todas elas socializassem seus trabalhos e nos dissessem o que representava cada desenho. As vivências das crianças por meio das atividades propostas transpareceram nos seus traçados artísticos, “as crianças são actores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 01).

Por meio dos seus desenhos pretendíamos compreender quais conhecimentos as crianças demonstravam a respeito de ciências, a fim de escutar sua voz, por meio de sua expressão gráfica. “O desenho infantil [...] é apresentado aqui como instrumento que pode ser utilizado quando queremos conhecer mais e melhor a infância das crianças pequenas” (GOBBI, 2009, p. 70).

Os desenhos demonstraram claramente as condições socioculturais de produção vivenciadas por aquelas crianças. Sinalizando suas percepções acerca do mundo que as rodeia, apontando para seu entendimento de ciência que pode ser construindo no contexto da comunidade do Aninga, através de suas interações com crianças e adultos. Vimos que todas as suas produções demonstraram sua autoria na realização do trabalho, mesmo as crianças de três anos, expressaram com suas garatujas a criatividade e impressão de suas experiências no decorrer da atividade.

Os adultos, na maioria das vezes, lançam um olhar preconceituoso à capacidade infantil, especialmente, aos menores. Porém, apesar de não terem maturidade para grafar de forma

compressível aos adultos, ou por se expressarem como eles querem, têm sua forma e maneira de representar o mundo. Conforme Cohn (2005 p. 8).

Precisamos desvencilhar das imagens preconcebidas e abordar esse universo e essa realidade tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam, precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista.

Romper esses preconceitos é um desafio a ser enfrentado por aqueles que querem penetrar nos mundos e no universo infantil. Devemos adotar uma postura diferenciada frente aos pequenos que participam de nossas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou as plurissignificações que crianças são capazes de atribuir a atividades desenvolvidas pela escola. A participação, interação, valorização são estratégias viáveis a sua formação integral. Mesmo que uma atividade pareça corriqueira, ao ser incorporada pelas crianças ribeirinhas, no que diz respeito à ciência, o resultado é visivelmente satisfatório, razão pela qual é importante que o conteúdo ministrado não esteja dissociado do que, diariamente, seja vivido por elas.

Construir uma postura científica com as crianças é ponto de partida para qualquer análise de significação dos conhecimentos da ciência. As crianças demonstraram seu pertencimento e identidade cultural formatados na comunidade e puderam expressar com liberdade os seus conhecimentos, por meios de seus desenhos, de seus relatos, de seus silêncios, de suas brincadeiras e de suas crenças, construídas e compartilhadas por meio de sua vivência comunitária.

O desenho constitui-se uma das formas mais eficazes de expressão simbólica. Mostra-se fundamental para possibilitar a apreensão, representação, visão do mundo pela criança, que ainda não dispõe dos mecanismos mais complexos da linguagem. Os desenhos, porém, apontaram que as crianças da comunidade do Aninga sabiam muito a respeito de ciência, porquanto, não tendo os conceitos científicos delineados ou sistematizados.

Assim, as crianças que residem em comunidades dessas áreas são consideradas como sujeitos que podem produzir história, que partilham conhecimentos sem nenhum egoísmo, partilham crenças e valores. Precisamos valorizar as crianças, pois elas muito a nos ensinar são possuidoras de uma sensibilidade, uma visão de mundo diferenciada de crianças de outros contextos culturais. Elas têm a capacidade de perceber o que, normalmente, passa despercebido por pessoas adultas e dão valor

às coisas que os adultos, ocupados com suas atividades, perderam a capacidade de perceber.

REFERÊNCIAS

- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- DELGADO, Ana Cristina Carvalho; MULLER, Fernanda. **Em busca de Metodologias Investigativas com Crianças e suas Culturas**. Cadernos de Pesquisa v.35, n125, p.161-179, Maio/Ago, 2005.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Fundação Calouste Gulbenkian- Lisboa, 2003.
- LAJOLO, Marisa. **Infância de papel e tinta**. IN: FREITAS, M. C. de (Org.). História social da infância no Brasil. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Angel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto alegre: Artmed, 2009.
- SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa em educação: fundamentos e tradições**; trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SANTOS, Jociane Trindade; Almeida Socorro Viana de; Barreto, Maria das Graças de Carvalho. A educação dos gentios e dos desvalidos na província do Amazonas (1859-1877). In: BARRETO, Maria das Graças de Carvalho. **Crianças e jovens no Amazonas: Imaginário, representações Históricas e problemas da atualidade**. UEA. Manaus, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO Manuel Jacinto. (orgs.). **Infância (IN) visível**. Junqueira: Araraquara, 2007.
- SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação Infantil do Campo**. São Paulo: Cortez, 2012.

